O USO DO BONECO NA EDUCAÇÃO

CLAUDECI FERREIRA CAMPOS

RESUMO

Este artigo fornece uma opinião sobre o uso do boneco na sala de aula como segundo mediador para a educação infantil. Existem vários tipos de pesquisadores e pesquisas, a forma dominante é aquela do laboratório do centro de pesquisa. Aqui será apresentada apenas uma pesquisa pessoal, consciente que nenhum trabalho ou pensamento é construído solitariamente: em nós existem as ideias, os livros, o aprendizado, as apresentações, os encontros etc.... logo, habita em nós parte da sabedoria humana. Este trabalho tem como objetivo relatar por meio das experiências vivenciadas ao longo de anos como bonequeiro e pesquisador nas técnicas de manipulação de Bonecos. O profícuo desta vivência e pesquisa é afirmar a certeza da internalização das formas de aprendizagem na criança constituindo novos saberes por este meio. Essa interiorização dentro do repertório produzido pela criança traz modificações na condução do conhecimento e dos novos saberes e na constituição de sua identidade.

Palavras Chave: boneco; aprendizagem; pesquisa; interdisciplinaridade.

THE USE OF THE PUPPET IN EDUCATION

ABSTRACT

This article provides an opinion on the use of the puppet in the classroom as a second mediator for early childhood education. There are several types of researchers and research, the dominant form is that of the laboratory of the research center. Only a personal research will be presented here, aware that no work or thought is built alone: in us there are ideas, books, learning, presentations, meetings, etc. ... therefore, part of human wisdom lives in us.

This work aims to report through the experiences lived over the years as a doll maker and researcher in puppet manipulation techniques. The benefit of this experience and research is to affirm the certainty of the internalization of the forms of learning in the child, constituting new knowledge through this means. This internalization within the repertoire produced by the child brings changes in the conduction of knowledge and new knowledge and in the constitution of his identity.

Keywords: puppet; learning; search; interdisciplinary.

INTRODUÇÃO

A grande diferença entre o ator e o boneco é que o desafio final para o ator é morrer no palco, enquanto para o boneco é exatamente o oposto: ele precisa vir à vida. Amábilis J. da Silva

O presente artigo é baseado minha prática pessoal e nas pesquisas de mais de vinte e cinco anos atuando como bonequeiro, agora empregando este método na prática da Educação Infantil. Formado como especialista em artes visuais vem aplicando este método em aulas na Educação Infantil, na qual exerço a função de professor Especialista de Artes Visuais em São Paulo. O uso do boneco é aplicado por que a criança tem uma força natural para a imaginação e consecutivamente para criar. É de sua natureza biológica se desenvolver imaginativamente e por posse dela, faz a construção de sua identidade. Assim sempre que podem, gostam de expressar sua voz, expressão, gesto e pensamento. O boneco em sala de aula as ajuda a chegar neste ponto, pois as fazem desviarem o olhar de si e o lançar sobre o boneco, quebrando barreiras, tabus e assuntos que normalmente sentem-se não à vontade quando são abordadas pelos adultos. A inventividade da criança não possui limites, tudo está em constante movimento e por acontecer a todo tempo a sua imaginação não possui ponto final. Se houver um ponto final sua produtividade seria limitada e impulso criativo pobre. A criança desenvolve com o boneco uma conexão de confiabilidade, uma linguagem afetiva, mesmo que para nós o boneco seja apenas um objeto simbólico.

Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidarias. Por outro lado, sem a linguagem, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca interindividual e da cooperação. É neste sentido da condensação simbólica e da regularização social que a linguagem é indispensável à elaboração do pensamento. Entre a linguagem e o pensamento existe, assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apoia, necessaria-

mente em outro, em formação solidaria em perpétua ação reciproca. Mas ambos dependem, no final das contas, da inteligência, que é anterior a linguagem e independente dela. (PIAGET, 1978, p.92)

O uso do boneco como mediador de um diálogo não é algo novo no mundo, desde os mais antigos tempos a prática é utilizada. Foi pensando nisto que eu comecei a utilizá-lo como prática mediadora de conhecimento entre o professor e o aluno. Não o utilizando como objeto inanimado, mas como um terceiro interlocutor no processo de aprendizagem. Quando falamos desse gênero lúdico que é o boneco, o relacionamos a vaga memória de nossa infância, isto porque a nossa cultura ocidental valoriza desde pequeno a apropriação de bonecas cada vez mais reais, como por exemplo: para as meninas cito aqui as bonecas Reborn e os bonecos de figura de ação para os meninos.

Desde os tempos antigos os bonecos sempre estiveram presentes com os seres humanos na formação da identidade humana, através de rituais de nascimento, sexualidade, casamento, educação, espiritualidade e da morte (ainda há muita pouca pesquisa feita nestas áreas rituais). Mas o que se sabe é que em toda humanidade sempre houve a presença do boneco no imaginário humano como forma de comunicação, representação de uma ideia e expressão. O boneco tem a capacidade de nos remeter aos afetos do passado, a recuperar memórias e experiências vividas.

Acontece, pois, que nosso cérebro constitui o órgão que conserva experiências vividas e facilita a sua recuperação. Porém, se sua atividade se limitasse a conservar experiências anteriores, o homem seria um ser capaz de ajustarem-se as condições estabelecidas pelo meio que rodeia (VYGOTSKY, 1982, p.8).

O manejo de boneco atravessa fronteiras, conceitos e estágios de experiências. Pode ser tanto radical como cômico, delimitado por sua forma ou livre de estereótipos, frágil ou eminentemente influenciador. Ele é ricamente interdisciplinar, versátil, multivocal, cultural, e nos dá muito espaço para sonhar, imaginar e criar.

O boneco mostra várias possibilidades como elemento educativo na educação infantil. É comum vermos nas escolas o uso do boneco através do "Teatro de bonecos". O boneco em que me refiro em especial é o boneco de mão, também conhecido como fantoche (no inglês Puppet), é possível ver a dinâmica do uso desta ferramenta no youtube, através da peça teatral "Avenue Q", feita para Brodway e que já teve sua versão brasileira realizada. Confeccionei meu próprio boneco, cujo nome é "Miguel", ele me assessoria na sala de aula quando se apresenta (ele é um garoto de seis anos, meigo, afetivo, com dificuldade de aprendizado, cheio de curiosidade e dúvidas sobre tudo e que faz quimioterapia).

A interação das crianças na sala de aula com o boneco Miguel é surpreendente, pois muitas vezes, os alunos, principalmente os menores, de idades de 3 a 5 anos, se identificam com o boneco de modo a reconhecerem situações propostas pelo boneco com suas vidas cotidianas, fazendo com que a realidade do boneco e a deles se torne mais afetiva, próxima e experiênciada.

A Manipulação de boneco é uma prática tão antiga como são os atores da antiga Grécia, através dele nos divertimos, instigamos, entretemos, educamos, cantamos e provocamos questões nas crianças e em adultos de todas as idades. As pesquisas sugerem que o aparecimento do uso de bonecos tem sua origem no oriente antigo, em países como China, Índia e Indonésia. Todavia muitos países tiveram o desenvolvimento de seus bonecos de diferentes formas, materialidade e manipulações. Arte de contar história está intimamente ligada ao teatro de bonecos, mas não obrigatoriamente. Um boneco não precisa somente aparecer como participante de um conto pode ser utilizado como mediador de conhecimento entre aluno e professor.

O fantoche é uma alternativa didática pedagógica que se baseia na ludicidade fazendo com que a criança tenha sentidos e experiências através da promoção da conversação, da internalização, da observação, da assimilação, da percepção, o que conduz à produção de significados na vivência da criança constituindo seus saberes. Porém não podemos ver esta ferramenta apenas como entretenimento do horário de aula, pelo contrário o campo educacional, ela precisa de uma metodologia prévia que envolva a formulação de objetivos, a seleção de temas disciplinares, a formulação de uma história como objetivo de alcançar o resultado pedagógico planejado.

Quando se passa uma exposição ou atividade para a criança deve-se observar e registrar os resultados colhidos como significação para a criança. Um exemplo disto é quando uma criança brinca com uma massinha de modelar e cria com ela um boneco na sala de aula. Ela está desenvolvendo a sua capacidade motora e quando está pronto o boneco é constituído pela própria criança, ela sente vontade de animá-lo, e dar vida a sua criação. Não esquecendo que neste processo de interação com um boneco, a criança desenvolve além da motricidade, outras habilidades como a fonética e linguística: mudar o jeito de falar, tempe-

ramento, transformando o seu tom de voz conforme o personagem é imaginado e criado, exprimindo assim suas emoções.

[...] “o s objetos que falam e se apresentam fazem uso temporal de fontes vocais e motoras que se encontram fora do objeto” (apud TILLIS, 1992, p.25, tradução minha).

O efeito do boneco na criança vai muito além do que apenas ser um intermediário; é revelar, é mover, é comunicar, é apresentar, é expressar, é ensinar, é distrair, é entreter, é o cuidado, o zelo, o redirecionar, a resiliência, a instrução, a formação, a valorização, a correção, entre outras facetas.

Penso no boneco como um pedagogo (mesmo que tenhamos conhecidos pedagogos que eram verdadeiros bonecos), ainda que saibamos que é apenas um objeto não vivo, algo sem pensamento próprio, que toma emprestado a palavra, um mecanismo articulado. Não é realmente o boneco que instrui, mesmo que ele nos revele alguma coisa: isso não seria mais do que a necessidade de objetos transicionais entre eu, os outros e o mundo.

[...] indubitavelmente conjura uma ideia na mente de todos; afinal, quase todo mundo já assistiu, uma vez ou outra, alguma peça de bonecos, ou já ouviu o termo boneco como metáfora para descrever pessoas em determinadas circunstancias na vida (op. Cit., TILLIS,1992, p. 16, tradução minha).

A NECESSIDADE DE PESQUISA PARA USO DO BONECO NA ESCOLA

A aplicação do uso dos bonecos em contexto comunitária seja em escolas ou hospitais tem sido amplamente utilizado para acessar o afetivo e cognitivo das crianças, mas infelizmente muito pouco teorizado e questionado meio acadêmico.

Nos últimos dez anos apesar do interesse nesta área ter crescido muito e a busca de linguagens para compreender, promover e desenvolver as competências e abordagens especificas nesta área também ter crescido, a tradição do manuseio de bonecos está correndo risco de se perder ou de se tornar mercantilizado. Os bonequeiros que no passado e que durante séculos praticavam estas técnicas com suas famílias, transmitindo através dessa arte suas habilidades e aptidões, enfrentam agora os desafios de uma cultura globalizada e mercantil. Esquecemos, no entanto, que esta espécie ameaçada são as que enriquecem as nossas culturas e nos permitem acessar os conhecimentos sobre os povos, sua prática e seus modos de viver. É claro que, como a sociedade cria mais situações tanto na vida diária como sobre os artistas para que argumente o porquê de sua arte, as formas tradicionais são levadas a reinterpretar suas práticas e questionamentos a fim de poderem sobreviver, não se trata apenas da sobrevivência cultural, mas também psíquica e física.

Um levantamento feito no ano de 2016, coordenado pelo prof. R. Valmor Beltrame aponta que 21 instituições de ensino, entre universidades e Institutos de Educação, mantem atividades relacionadas ao teatro de boneco e de formas animadas sob a forma de disciplinas, regulares ou optativas e atividades de pesquisa e extensão. Aponta também as atividades de 27 professores pesquisadores atuantes dentro dos espaços das

IES. (PIRAGIBE, 2016, p.201)

Pesquisas acadêmicas mostram que esta forma de arte se ampliou ao longo do Século em países como França, a Rússia e na Europa Oriental. Fora da Europa, a pesquisa mostra que alguns países da América Latina mostraram alguma interação com esta arte, em especial a Argentina sobre o uso de bonecos e também em partes da Ásia, onde o teatro de bonecos ocupa um lugar importante no ritualismo, na cultura e na religião.

No Brasil, ainda muito pouco tem sido aproveitado e divulgado tanto culturalmente como educacionalmente, este leque de ferramentas tem sido de pouca valia no meio pedagógico e na formação de professores nas universidades, nos cursos de artes e pedagogias, é preciso um olhar mais observador para não deixar apenas por conta dos museus e dos livros de história o contexto do que é o Teatro de Boneco. Precisamos pesquisar e criar contextos para que o boneco esteja mais presente como ferramenta pedagógica na sala de aula.

"[“...]” fazer pesquisa implica experimentar um atrito com a tradição” (CARREIRA, 2012, p.29).

Se bem que atrito não significa obviamente rejeição, mas proficuidade. Pesquisar significa questionar, estudar em profundidade, observar, analisar, experimentar, investigar e, fundamentalmente, buscar nova significação e definição do material que estudamos. É como diria Platão com relação à alegoria da caverna: necessário é obrigar o prisioneiro a olhar em outra direção afim que enxergue a verdade.

[...] é preciso reconhecer que o lugar dos pesquisadores, que não está divorciado dos criadores, tem suas particularidades, dado que a função da pesquisa acadêmica é produzir novos olhares sobre os objetivos artísticos, sobre suas histórias, seus procedimentos e, finalmente, sobre suas conexões com outras práticas

culturais (CARREIRA, 2012, p.16-17).

É preciso destacar basicamente a importância interdisciplinar do boneco, pois esta é uma arte que atravessa Interdisciplinadamente com muitas outras áreas e, portanto, pesquisadores e praticantes devem ser incentivados a trabalhar nas fronteiras; é interessante romper os limites tradicionais existentes entre as ciências e as artes afetivas; a Física, a Medicina, a Educação, o Meio-ambiente, Neurociência e tantas outras interdisciplinaridades sociais e assim por diante como meio de gerar novos significados e conhecimentos.

O BONECO E A PRÁTICA ESCOLAR

Em algumas escolas, professores se utilizam do boneco para ensinar algum conteúdo pedagógico ou introduzir temas transversais na maioria das vezes. Em outras situações, muitas vezes vem de fora grupos teatrais apresentar seus espetáculos nas escolas, isso ocorre por que muitas vezes a escola já tem um currículo fechado onde não cabe mais este tipo de produção feita pelo professor, em outros casos não há espaço, horário ou infraestrutura suficiente para permitir estas atividades criativas bem como, a carência na formação de professores na educação infantil. Quando ocorre uma atividade com bonecos na escola, seja ela curricular (espaço formais) ou extracurricular (espaços não formais) há um envolvimento das crianças e uma desenvoltura que só a tornamos a encontrá-la na hora do recreio. Neste momento, seja criança, adolescente ou adulto, professores, todos interagem, se envolve e desenvolve com eles, independentemente da idade, gênero ou classe social.

O espaço escolar deve ser o lugar que acolhe o aluno, dando chance para que ele seja bem-sucedido. Pensar nas atividades teatrais é permitir esta oportunidade de participação positiva ao educando, que talvez não a encontre em outras disciplinas. O aluno poderá assim aumentar a autoestima ao constatar que não é um fracasso e que consegue fazer alguma coisa boa e admirável (Camargo, 2003, p. 42).

O boneco permite ao sujeito que age ou que olha deslocar-se para fora de si mesmo, sustentar uma outra posição ou situação, desassociando de si seu próprio olhar e ajudando a recriar a si mesmo.

Capacidade imaginativa da criança vem em observar o seu entorno e isso faz criar relações com a irrealidade e sua identidade, de modo que esta está sempre em contato com seu teatro imaginário na qual ela dá vida a algo inanimado a ponto de que a criança consegue se apossar de um objeto e transforma-lo em algo fantástico que atravessa sua fantasia e seus sonhos, se satisfazendo com ele. Historicamente falando o teatro de animação é primordialmente uma arte híbrida se levarmos em conta que ele nasce nos extremos das artes cênicas com as artes plásticas.

Desse modo, pode-se dizer que a identidade infantil se constrói pelo conjunto de características, experiências sociais e culturais vivenciadas e construídas pela criança, podem apontar perspectivas para atender a realidade observada não na ótica do adulto, mas sim, a partir da própria criança. As construções das identidades não significam simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um número de intervenções que podem tanto mudar a história, ou transmitir o passado ponto, quanto gerar transformações (LOPES, 2012, p.

87).

Como bonequeiro e professor de Artes, eu mesmo crio os meus bonecos e já realizei “Oficina de Construção de Bonecos” de espuma e manipulação dos mesmos para alunos do Ensino Fundamental II. Utilizo a palavra “oficina” para descrever um local físico e temporal, onde e quando construímos personagens: transformando a espuma e recriando-a através de novas formas e significados. Na confecção de bonecos sempre há uma sintonia criativa entre o grupo, pois não se trata de uma competição, mas uma criação coletiva, ainda que cada um construa o seu próprio boneco do seu jeito. Há uma interação constante com grupo, que depois se une para criar a personalidade do boneco e sua história.

Um professor que nunca tenha passado pelo processo de criar com um material artístico específico, jamais compreenderá o tipo peculiar de raciocínio, de reflexão, o qual é necessário para trabalhar com barro com tintas ou com qualquer outro elemento. Isto significa que o professor deve estar verdadeiramente envolvido na criação com esses materiais, não sendo bastante que os conheça de um modo abstrato, ou por ter lido ou por ter realizado, mecanicamente algum projeto.

O material e a expressão devem formar um todo

(LOWENFELD, 1977, p. 83).

Na construção e na aplicação do uso de um boneco encontra-se também incorporadas a imagem, modelagem, plástica, dança ritmo, interpretação, música, canto,

interação entre diversas culturas. Portanto para o aluno esta experiência se torna uma amplificação integral no qual se pode dizer que é um ser humano completo, em vez da percepção limitada e fragmentada de apenas ser corpo e mente.

Outro ponto positivo no uso do boneco na educação infantil é o desenvolvimento da linguagem, pois o recente uso na técnica do letramento, onde se é possível empregar e conectar a linguagem escrita e oral percebemos que os momentos de diálogos entre professor e aluno se tornam mais intensificados como o uso do boneco. Através do boneco vamos nos comunicando e ao conectarmos com os alunos, vamos aos poucos organizando suas interações e de formas de criar ideias através do diálogo. E é através desse meio que o diálogo e a livre expressão vão transferindo nossos saberes, nossos conhecimentos, nossas formas de ver, ouvir e de sentir irem junto com as nossas fantasias e sonhos. O boneco concede a vivência entre a fantasia e o real no coletivo e nos ajuda a sair de nós mesmo para que possamos conhecer melhor a todos nós.

Esta atividade pedagógica perpassa a liberdade de movimento, imaginação e de expressão para expandir a auto expressão no aluno, desenvolvendo o respeito ao próximo, sabendo que ele é capaz de tomar decisões e por isso mesmo, capaz de assumir responsabilidades com materiais, horários, etc., e trabalhando no coletivo solidariamente.

Esse ato educativo e criativo do uso dos bonecos vem de uma atualização de uma linguagem deixado como legado para nós, o qual foi transmitido no final do século XIX. Esse período marcado por múltiplas contestações e experimentações no campo da Educação e das Artes, desde as épocas das "Escolinhas de Arte" criada por Augusto Rodrigues, tendiam a se distanciar das representações naturais e aprender outras poéticas visuais, mas condizendo com a crescente modernização e com os novos ideais surgidos como proficuidade deste processo.

A Educação Infantil, por inteiro, é quando a criança recebe as influências socializadoras dos demais seres humanos com os quais estabelece relações, através de um ambiente acolhedor, rico em oportunidades de experiências e com interações positivas (Maluf, 2016, p.13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte possui uma didática própria e por isso requer uma relação diferente entre nós e o conhecimento. Ela só poderá ser criativa no seu próprio elemento. Se tentarmos espreme-la e adapta-la as formas tradicionais de ensino, a arte se tornará uma disciplina sem sentido e não poderá enriquecer e auxiliar nos estágios educativos e formativos. Na mesma perspectiva o uso de boneco na sala de aula pressupõe liberdade de expressão do professor e do aluno, de sua aprendizagem, interiorização e convivência. Espero ter contribuído com algumas reflexões nascidas de minha prática e pesquisa com bonecos, pois eu uso desta arte como instrumento mediador do aprendizado na educação infantil, tentando assim ampliar as possibilidades educativas da escola.

REFERÊNCIAS

MALUF, Ângela. C. M. Atividades lúdicas para a educação infantil. Petrópolis-RJ.

Ed. Vozes, 2016.

LOPES, A.S.C. A construção da identidade da infância na Amazônia ribeirinha:

ilha de Cotijuba. Belém – Pará. Tese de doutorado em desenvolvimento rural universidade federal do Rio grande do Sul – UFRGS, 2012.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Teatro na Escola: a linguagem da inclusão.

Passo Fundo. Ed Universidade de Passo Fundo, 2003.

LOWENFELD, V& BRITAN, W.L. Desenvolvimento da capacidade criadora. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo. Ed. Mestre Jiu, 1977.

CARRERA, André. Pesquisa como construção do teatro. In: TELLES, Narciso (org.). Pesquisa em Artes cênicas: textos e temas. Rio de Janeiro. Ed. Papers, 2012, p15-

33.

TILLIS, Steve. Toward and aesthetics of the puppet: Puppetry as a theatrical art. New York- EUA. Ed. Greenwood Press, 1992.

SILVA, Amábilis J. S. Corpos Hibridos nas cenas da Duda Paiva Company.

Florianópolis-SC, Ed. Revista Moin-Moin, nº17, 2017.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro. Ed. Forense, 1978.

VYGOTSKY, L.S. La imaginacion y El arte em La infância. Madrid. Ed. Akil, 1982.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis. Ed. Vozes, 1989.

PIRAGIBE, Mario. O Teatro de Animação e a pesquisa acadêmica: um apanhado de apontamentos, desafios e dúvidas. Florianópolis-SC. Ed. Revista Móin-Móin, nº16, 2016, p.201.

REFERENCIA DIGITAL

Musical “Avenue Q” da Broway disponível: https://www.youtube.com/watch?v=-qhcZqg_wkJY ANEXO



Cena do musical “Avenue Q” disponível no youtube.com



Aula do Professor Claudeci Ferreira Campos e o Fantoche Miguel.